



Izabela abraçando Manteiga na sua terceira gravidez



O primeiro filho de Izabela brincando com a gatinha

ANTES E DEPOIS DO PARTO

- Verificar se o animal está com a caderneta vacinal completa e com a saúde em dia.
- Não incentivar brincadeiras brutas e arranhões, por isso, mantenha as unhas do pet sempre cortadas.
- Evitar que o animal fique transitando pelo quarto onde o recém-nascido dorme.
- Supervisionar o bebê em todos os momentos de contato com o animal.
- Higienizar bem as mãos depois de entrar em contato com o pet.
- Não esperar para levar o animal ao médico, caso ele apresente alguma doença.
- Não armazenar ou preparar comida do bebê e do cachorro próximas uma da outra.

- Verificar as condições de higiene dos utensílios e dos espaços do animal com frequência, e procurar deixá-los longe da criança.
- Caso a criança for mordida ou arranhada, desinfetar e levar diretamente ao pediatra.
- Evitar que o bebê coloque o rosto perto do nariz ou da boca do pet.
- Ter atenção após o segundo trimestre de gestação da tutora, pois o equilíbrio da gestante fica comprometido e é preciso cuidado redobrado nas caminhadas com animais de grande porte.

Fonte: obstetra e ginecologista Tatianna Ribeiro.

ZOONOSES

O veterinário oftalmologista Tarciso Schirmbeck descreve as doenças mais comuns transmitidas dos animais para as mães gestantes e bebês. São elas:

- Micose cutânea: doença de pele transmitida pela pelagem contaminada do pet, causa manchas avermelhadas e coceira.
- Larva Migrans: também conhecida como bicho geográfico, é encontrada nas fezes de animais e ocasiona linhas vermelhas e coceiras.
- Lyme: ocorre através das picadas de carrapatos, com dor intensa e vermelhidão no local.
- Bartonelose: transmitida por mordidas, arranhões e até lambidas de felinos, pode causar conjuntivite e lesões na

retina do nervo óptico.

- Toxoplasmose: é transmitida pelo contato com fezes e urina, água ou alimentos contaminados, causando lesões oculares.
- A obstetra Tatianna Ribeiro alerta que as gestantes podem transmitir infecção para os fetos, sobretudo, no final da gestação. “Uma a cada dez crianças são infectadas pela toxoplasmose, para cada 10.000 nascidos vivos em todo mundo”, observa. “Dificilmente, o animal vai possuir alguma doença se estiver bem de saúde, para isso, mantenha as vacinas em dia, checapos regulares, banhos na frequência correta e alimentação balanceada”, orienta.

Desde a primeira gestação de Izabela Figueiredo, sua gata, Manteiga, de 8 anos, ficou mais carinhosa. Agora, a advogada vive a terceira gravidez e conta que a pet agrega muito ao momento. “Principalmente porque é uma fase muito delicada na vida da mulher, ficamos mais sensíveis, e ter a companhia e o carinho do pet é muito importante”, menciona.

Na primeira gestação, Izabela recebeu orientações para não mexer na caixa de areia, pelo risco de contrair toxoplasmose. Quando o bebê nasceu, tomaram precauções para que a criança não entrasse em contato direto com Manteiga, para que o recém-nascido se acostumasse e evitasse possíveis alergias. “Foi um período de observação. Hoje ele está superadaptado à rotina. Com um novo bebê, tomaremos as mesmas medidas de cuidado”, conta.

Como um dos seus

“Não tive medo, sabia que ele queria conhecer a Maria Helena. Ele só sossegou quando deixamos que chegasse perto o suficiente para cheirar e lambe-

Logo depois, Thor se tornou o protetor dela”, relembra Gabriela Maria, 23 anos, funcionária pública.

Antes mesmo da descoberta da gravidez, Gabriela se sentia muito emotiva, e Johnny, um de seus cachorros, ficava mais próximo e deitava com frequência em sua barriga. Mas, antes da confirmação da gestação, Johnny teve problemas renais, aos 10 anos, e morreu, mesmo já sentindo a chegada do novo membro da família.

“Sonhava com bebês, porém ignorei os sonhos e os sintomas, até minha mãe, depois de um tempo, falou que eu estava grávida, mas não acreditei”, relata. “Também senti mudança no comportamento dos meus cachorros Thor, 3 anos, e Vitória, 1 ano. Ambos não saíam de perto de mim. Vale ressaltar que a Vitória é deficiente, e a casa da minha mãe é cheia de escadas, então meu contato maior sempre foi com ele.”

Ela destaca que Thor não gostava de grude e sempre mordida quando alguém tentava fazer carinho, mas, naquela época, passou a se

comportar de forma oposta. “Dormia na minha cama, queria entrar no banheiro comigo. Com o tempo, isso mudou, voltou a ficar na dele, mas sempre me vigiando. E, se sentisse algum perigo, ficava perto de mim.”

Com a chegada de Maria Helena, ele ficou mais agitado e até tentou escalar o berço dela. “A adaptação foi tranquila. Mas, logo, Thor se acostumou com a situação e passou a ficar menos em cima da Maria, a não ser quando ela chorava.”

Esse instinto é mais desenvolvido em cachorros do que em gatos. O veterinário Luis Eliam explica que o instinto de cuidado que o animal desenvolve é muito especial e pode proporcionar atitudes como balançar o berço, caso a criança chore. Eles consideram o bebê como um dos seus filhotes, um membro familiar importante, e podem promover incontáveis momentos de alegria para toda a família.

***Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte**